

POLANYI, ARISTÓTELES E A ECONOMIA – UMA RESENHA DO TEXTO ARISTÓTELES DESCOBRIR A ECONOMIA, DE KARL POLANYI

Autoria: Vítor Lopes de Souza Alves*

O pensamento econômico de Aristóteles, presente no livro I da *Política* e no livro V da *Ética a Nicômaco*, tem sido tratado com descaso na época atual. Os economistas modernos, entre eles Schumpeter, quando não apenas deixaram passar despercebido o filósofo grego, julgaram inadequados os seus ensinamentos. Entretanto, para o antropólogo Karl Polanyi, foram poucos os pensadores que compreenderam como ele o que chama de *significado substantivo do econômico*.

O instrumento conceitual usado por Polanyi para interpretar o pensamento econômico aristotélico e compará-lo à Economia moderna é o mesmo que constitui a base de toda a sua análise sociológica: a compreensão de que existem duas formas diferenciadas de organização econômica, a *sociedade com mercado* e a *sociedade de mercado*.

A *sociedade com mercado* é erigida sobre o *status*, organiza-se na forma de *comunidade* e possui a chamada *economia enraizada*. O indivíduo dessa sociedade não tem consciência do caráter econômico das suas experiências, pois não percebe nelas nenhum interesse dominante ligado à sua subsistência. Por exemplo, quando prepara os seus alimentos e os consome no interior da unidade doméstica, sua atenção volta-se mais ao convívio familiar de que desfruta nesse momento do que ao próprio ato de se alimentar, do qual depende diretamente a sua vida. Isso ocorre porque nessa sociedade os elementos da economia estão enraizados em instituições não econômicas, que são sempre notadas em primeiro plano. O processo econômico é instituído por parentesco, casamento, grupos etários, sociedades secretas, associações totemicas e solenidades públicas. A integração é baseada na redistribuição e na reciprocidade. As trocas, quando existem, são caracterizadas pela ausência de quantitatividade e representam mais um dever moral do que uma prática econômica; a reciprocidade existente nelas exige a adequação da resposta (que se dê àquele de quem se recebeu), mas não igualdade matemática.

A *sociedade de mercado* é baseada no *contractus*, organiza-se como *sociedade* e possui *economia desarraigada*. O início de sua existência concreta é próprio do século XIX, quando do pleno desenvolvimento da sociedade mercantil. Nela, a economia encontra-se situada fora do resto da sociedade, em especial do sistema político e governamental. A produção e a distribuição dos bens materiais são efetuadas por um sistema autorregulador de mercados formadores de preços. O indivíduo é consciente dos interesses diretamente ligados à sua subsistência material, e a sua ação é motivada não por considerações de ordem familiar, religiosa ou cívica, mas simplesmente pela obtenção individual da utilidade e do lucro.

Na compreensão de Polanyi, Aristóteles viveu no limiar entre duas eras econômicas distintas, tendo presenciado o processo de transformação de uma *sociedade com mercado* numa *sociedade de mercado*, e embora mal tenha testemunhado os primórdios de uma organização comercial mercantil, foi capaz de dar a última palavra sobre a natureza da vida econômica.

Segundo Polanyi, Aristóteles realizou aquilo que considera uma *abordagem sociológica*: sempre que tocou numa questão de economia, ou de qualquer outra área específica de estudo, desenvolveu a relação dela com a totalidade da sociedade. Por esse motivo, foi capaz de enunciar em toda a sua amplitude a questão do lugar ocupado pela economia na sociedade. Não compreendeu a economia como existindo apenas em si mesma e independentemente do resto da sociedade, como fizeram os economistas modernos, que só tiveram olhos para a *sociedade de mercado*, mas soube reconhecer a sua existência no interior das estruturas sociais não econômicas e identificar os acontecimentos que tendiam a levá-la para fora do domínio social.

O ponto de partida para a compreensão do pensamento econômico aristotélico é o reconhecimento de que Aristóteles via o homem, assim como qualquer outro animal, como sendo naturalmente autossuficiente. Assim, para Aristóteles, e contrariamen-

*Estudante de Ciências Econômicas da FACE/UFMG.

te ao pensamento econômico moderno, a economia não provinha da infinitude de necessidades e desejos humanos, ou, conforme a enunciação atual, da realidade da escassez. De acordo com Polanyi, os três conceitos centrais do pensamento de Aristóteles são: *comunidade, autossuficiência e justiça*. Para Aristóteles, a economia é uma questão da vida doméstica ou familiar. Sua preocupação fundamental diz respeito ao problema da subsistência e, por causa disso, a ideia da boa vida como uma acumulação utilitarista de prazeres físicos é rejeitada. Para ele, a verdadeira riqueza corresponde às coisas necessárias para sustentar a vida, quando armazenadas em segurança sob a guarda da comunidade, e uma vez que as necessidades humanas não são ilimitadas, também não há escassez de subsistência na natureza.

Aristóteles presenciou o surgimento da troca comercial (comércio de mercado) como uma novidade perturbadora e transformadora da ordem social. Tratava-se de um problema candente, em cuja análise não os interesses do indivíduo, mas os da comunidade vieram a constituir o princípio dominante. O objetivo de Aristóteles foi o de defender a estrutura e as formas de relação da *sociedade com mercado* existente e opor-se ao desenvolvimento de uma *sociedade de mercado* nascente. Sua preocupação em investigar os problemas do comércio e do preço guardava relação com a sua defesa da comunidade e da autossuficiência. Assim, tratou do comércio que servia para restabelecer a autossuficiência como sendo natural, e o que tendia para além desse limite como antinatural. Defendeu que os preços deveriam ser justamente fixados, de forma a reforçar os vínculos da comunidade; caso contrário, a troca deixaria de existir e a existência da comunidade seria ameaçada.

No comércio natural, existente apenas até o ponto em que é requisitado pela autossuficiência, as trocas não produzem lucros. Os preços correspondem à posição (status) dos participantes da comunidade; por exemplo, o valor da casa está para a importância do arquiteto assim como o valor do sapato está para a importância do sapateiro. Para Aristóteles, as trocas comerciais que geram lucros teriam passado a existir como resultado da ânsia antinatural de ganhar dinheiro. Não há, nessas trocas, nada de novo em relação às antigas, a não ser as proporções que elas assumem.

Aristóteles associou os novos tipos de lucros comerciais a um comportamento perverso e trapaceiro por parte do mascate, uma prática na qual ele se

beneficia à custa dos outros através do diferencial de preços (vendendo mais caro do que compra). Isso se deve ao fato de que o filósofo apenas presenciou a troca comercial em seu desenvolvimento incipiente, e a sociedade que viu nascer ainda não continha todos os elementos da *sociedade de mercado*. A ágora ateniense do seu tempo precedeu em dois séculos a instauração de um mercado competitivo caracterizado pela flutuação de preços. Não tendo conhecido o mecanismo do mercado, não teve condições de desenvolver uma teoria dos preços equilibradora da oferta e da demanda. Os preços, determinados a critério dos mascates, que ainda não enfrentavam grande concorrência, tendiam a produzir ganhos exorbitantes e a contribuir para o enriquecimento desproporcional e socialmente pernicioso de uma nova classe de pessoas. Por esse motivo, Aristóteles não pôde conceber o mercado como servindo a um propósito justo. Para corrigir as suas injustiças, defendeu a fixação de um preço justo, que garantiria a exclusão do lucro, daria fim ao comércio antinatural e manteria a comunidade livre da ameaça de desagregação.

Referência da obra resenhada: POLANYI, Karl. Aristóteles descobre a economia. In: LEVITT, Kari Polanyi (org.). *A subsistência do homem e ensaios correlatos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.